



POÉTICAS DISSIDENTES E ESTÉTICAS DA REEXISTÊNCIA: DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES NA ARTE/EDUCAÇÃO A PARTIR DO PROJETO “ENTRE MARÉS E LEVANTES”

DISSIDENT POETICS AND REEXISTENCE AESTHETICS: TRANSDISCIPLINARY DIALOGUES IN ART/EDUCATION FROM THE “BETWEEN TIDES AND UPRISINGS” PROJECT

Fábio Wosiak¹

UNIFAP/PPCUL/LABPOD

Crémerson Aparecido da Rosa²

UNIFAP/LABPOD

Jholie Yara Santos Sarraf³

UNIFAP/LABPOD

Resumo: O texto examina a formação inicial em Artes Visuais na Amazônia amapaense sob uma perspectiva decolonial, questionando a continuidade das influências euro-estadunidenses e suas consequências para o currículo e a prática docente. O texto, fundamentado na pesquisa-criação (Gómez, 2025) da exposição Entre Marés e Levantes, sugere poéticas dissidentes como instâncias de “cura” e reexistência (Brasileiro, 2023; Achinte, 2017), capazes de registrar conhecimentos ancestrais afro-indígenas e LGBTQIAPN+, além de incorporar epistemologias outras no ambiente escolar. O LABEPOD evidencia como a arte possui o potencial de reescrever narrativas que foram silenciadas, ao mesmo tempo em que estabelece processos pedagógicos que são sensíveis à territorialidade do Amapá, desafiando lógicas coloniais e construindo trilhas para uma educação plurissignificativa.

Palavras-chave: Formação docente em artes visuais; estéticas decoloniais; poéticas dissidentes; encanterias; Amazônia amapaense.

Abstract: The text examines initial Visual Arts teacher education in Amapá’s Amazon from a decolonial perspective, questioning the persistence of Euro-American influences and their

¹ Doutor e Mestre em artes Visuais (UDESC). Professor na Licenciatura em Artes Visuais – UNIFAP, Docente permanente no PPCULT/UNIFAP e colaborador no PROFARTES/URCA. Líder do Grupo de Pesquisa Experiências Dissidentes nas Artes Visuais/CNPq e do Laboratório de Experimentações em Poéticas dissidentes – LABPOD. Editor da Revista Encanterias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7414>.

² Bolsista de Iniciação Científica - CNPq. Discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá. Membro do Grupo de Pesquisa Experiências Dissidentes nas Artes Visuais/CNPq e do Laboratório de Experimentações em Poéticas dissidentes. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4882009611876749>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7300-0242>.

³ Bolsista de iniciação Científica - CNPq. Discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá. Membro do Grupo de Pesquisa Experiências Dissidentes nas Artes Visuais/CNPq e do Laboratório de Experimentações em Poéticas dissidentes. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4098052593128824>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5979-8526>.



consequences for curriculum and teaching practice. Grounded in the research-creation approach (Gómez, 2025) behind the exhibition “Between Tides and Uprisings,” it proposes dissident poetics as instances of healing and re-existence (Brasileiro, 2023; Achinte, 2017), capable of inscribing Afro-Indigenous and LGBTQIAPN+ ancestral knowledge while weaving other epistemologies into the school environment. LABEPOD demonstrates how art can rewrite silenced narratives and establish pedagogical processes attuned to Amapá’s territorial specificities, challenging colonial logics and forging pathways toward a plurally meaningful education.

Keywords: Visual arts teacher education; decolonial aesthetics; dissident poetics; encanterias; Amapaense Amazon.

1 A ARTE/EDUCAÇÃO COMO CAMPO DE TENSIONAMENTOS (E CURA)

No contexto em que a formação de professores de Arte/Educação se apoia, em sua maior parte, em uma matriz de saberes eurocêntrica e estadunidense, persiste uma hegemonia que se revela colonial (Moura, 2022). Essa tendência resulta em uma formação que frequentemente se distancia das realidades do contexto latino-americano, dificultando a valorização de várias expressões culturais (Moura, 2022). A proposta curricular atual, que vem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Reforma do Ensino Médio, entre outras, segue uma lógica reducionista que, ao padronizar as diversas linguagens artísticas, tira da arte o espaço e a relevância que deveria ter dentro das instituições de ensino, prejudicando suas características (Vasconcellos, Storck & Momoli, 2018). Isso favorece o silenciamento de vozes e a ocultação das expressões artísticas, das narrativas e das culturas latino-americanas na Arte/Educação, ao privilegiar um “sujeito demandado pela modernidade” (Moura, 2022, citando Castro-Gómez, 2005).

De acordo com um levantamento das pesquisas acadêmicas na Arte/Educação no Brasil, há uma distribuição das investigações que se concentra fortemente nas regiões Sul e Sudeste (Frade, Alvarenga & Aranha, 2017). Essa diferença indica a ausência de estudos e de estratégias que se ampliem para outros contextos culturais e geográficos, bem como na formação de professores para trabalhar nesses ambientes. É justamente essa falta que se torna evidente diante da reduzida pesquisa dedicada à prática do ensino de artes em escolas públicas, especialmente aquelas que focam na produção estético-artística do Norte do Brasil e na promoção de práticas



ativistas. Essas vivências silenciadas reivindicam um reconhecimento que as coloque em evidência nas discussões pedagógicas.

Apesar do crescimento dos debates sobre decolonialidade, os currículos e as práticas de formação inicial docente em Arte/Educação ainda se orientam, em grande parte, por matrizes eurocêtricas que silenciam saberes afro-indígenas, ribeirinhos, quilombolas e LGBTQIAPN+. Esse predomínio hegemônico produz um apagamento simbólico desses sujeitos e restringe o horizonte criativo do campo (Grosfoguel, 2016; hooks, 2017). Falta, portanto, compreender empiricamente como poéticas contra-hegemônicas, assumidas como práxis libertadora, podem de fato transformar a formação e a prática artístico-pedagógica, especialmente para o/a futuro/a professor/a de artes visuais (Freire, 2011; Mignolo, 2010).

É nesse intervalo – entre o desejo de processos formativos pluriversos e a desmantelamento de modelos hegemônicos – que este artigo se coloca, sugerindo caminhos de pesquisa-criação (Gómez, 2025) baseados em poéticas dissidentes/estéticas decoloniais (Gómez, 2019; Mignolo, 2010; Wosniak, 2023, 2024), aptos a cultivar reexistências e a revitalizar a Arte/Educação.

Para tanto, este estudo se debruça sobre a experiência do Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes (LABEPOD) e a exposição “Entre Marés e Levantes” como espaço de investigação-criação para a formação inicial docente em Artes Visuais no contexto da Amazônia amapaense.

O LABEPOD atua como um ambiente de experimentação que incentiva tanto a reflexão quanto a prática de métodos artísticos que questionam o que é considerado normal, aceitando vivências não convencionais e invertendo lógicas estabelecidas. A exposição “Entre Marés e Levantes” é a concretização pública e manifesta dessas proposições, englobando criações que materializam a perspectiva de reexistência em resposta a narrativas hegemônicas.

Esta jornada metodológica, denominada abordagem das encanterias (Wosniak, 2023) — que convoca corpo, espaço e imaginação — fundamenta-se na crença de que a arte pode atuar como um dispositivo de transmutação, capaz de propor formas outras de ver/sentir/fazer o mundo a partir dos rios da Amazônia. As criações presentes traduzem instrumentais metodológicos e reflexões alternas que interligam



artes visuais, antropologia, ecologia, estudos de gênero e cosmopoéticas, em que os participantes grafam o saber em gestos estésicos que ressoam saberes corporificados. Tais estesias, ao abraçarem o que Achinte (2017) nomeia "práxis de re-existência", revelam a estética como um caminho para um modo alternativo de vida, uma prática libertadora e decolonial.

Em meio a marés que recuam e irrompem em levantes criativos, este artigo pergunta: como as poéticas dissidentes (de reexistências), entremeadas por uma abordagem transdisciplinar encantatória, podem redesenhar a formação inicial em Artes Visuais na Amazônia, em particular no currículo e na prática docente de futuros/as professores/as?

Defendemos que a pesquisa-criação, enraizada nessas poéticas e estéticas decoloniais, desata veredas d'água onde germinam reexistências e se deslocam narrativas hegemônicas na Arte/Educação amazônica. Para confluenciar com esses rios, navegamos por (i) o constructo metodológico da "abordagem das encanterias", (ii) as correntezas experimentais do LABEPOD e (iii) a travessia expositiva "Entre Marés e Levantes", acompanhando a força da pororoca que reverbera no currículo, na práxis docente e nas micropolíticas do cotidiano escolar.

2 LABEPOD E AS POÉTICAS DISSIDENTES: UM ESPAÇO DE INFLEXÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE/EDUCAÇÃO AMAPENSE

O Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes (LBEPOD/PPCULT/UNIFAP) surge, portanto, como uma alternativa para a urgente necessidade de subverter as normatividades convencionais da Arte/Educação e da produção cultural, principalmente no que se refere à formação inicial de professores/as de Artes Visuais. O LABEPOD, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política (PPCULT), tem como missão central criar e pesquisar, além de formar professores/as e divulgar práticas artísticas e culturais que sejam dissidentes. Procurando, desse modo, tecer a produção do conhecimento acadêmico com a ação interventiva e valorizar pessoas,



narrativas e saberes historicamente silenciados, contrapondo-se às perspectivas eurocêntricas que ainda impregnam os currículos.

Definições de poéticas dissidentes ocupam o centro da proposta tanto operacional quanto conceitual. Elas são compreendidas como forças criativas que questionam os limites estabelecidos pela arte e pela cultura colonial, funcionando como um agente social ao sugerir significados outros, formatos e modos de ser/existir. Elas se revelam nas expressões artístico-culturais que discutem temas como gênero, sexualidades, raça, territorialidade, entre outros, geralmente originadas de pessoas e grupos que enfrentam situações de subalternidade. Essas poéticas são fundamentais para que a arte se torne um espaço de contestação e crítica, permitindo a ressignificação das estruturas existentes e equipando os/as futuros/as docentes com o repertório e a sensibilidade indispensáveis a uma práxis pedagógica decolonial.

Nesse arcabouço, o LABEPOD se configura como um ambiente de experimentação dinâmico, que ativamente "fomenta a reflexão e a prática de abordagens artísticas que desafiam o normativo", proporcionando acolhimento a "experiências silenciadas e subvertendo lógicas vigentes" (Catálogo – Exposição Entre Marés e Levantes, 2025). A práxis da reexistência, conforme elaborada por Achinte (2017) como uma postura político-estética que reivindica a presença, a memória e o futuro por meio da expressão artística, encontra no LABEPOD um ambiente propício para sua manifestação e, conseqüentemente, para a formação de professores/as engajados/as com essa perspectiva. A formalização do laboratório no contexto universitário serve para reforçar essas expressões, conferindo-lhes visibilidade e uma legitimidade acadêmica que historicamente lhes foi negada.

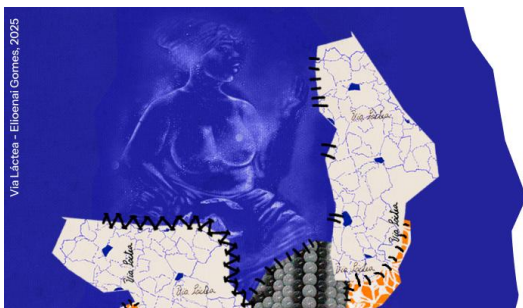
O LABEPOD atua para além das micropolíticas institucionais, influenciando as macropolíticas culturais ao formar professores/as que podem atuar nesse contexto mais amplo. Ao promover a diversidade de narrativas e saberes, o laboratório colabora para combater as lógicas excludentes que ainda persistem na academia e na educação. Essa práxis transformadora, que busca uma mudança social e cultural em larga escala a partir do chão da sala de aula, é exemplificada pela articulação transversal entre ensino, pesquisa e extensão, que se dá por meio de minicursos, residências artísticas e parcerias com variados coletivos e movimentos culturais.



3 ESTÉTICAS DA REEXISTÊNCIA: TERRITÓRIO, INTERDISCIPLINARIDADE E “CURA”

Na 35ª Bienal de São Paulo, ao nos depararmos com as obras de Castiel Vitorino Brasileiro, especialmente no "Quarto de Cura" — uma instalação-ritual por ela concebida —, somos convidados a atravessar a raça como ficção moderno-colonial. A artista cria um espaço de metamorfose, onde a desumanização de pessoas negras e LGBTQIAPN+, forjada pela violência colonial, é reconfigurada dentro de uma lógica de resistência e reexistência. Nas suas fotoperformances da série Corpoflor (2016), pétalas brotam da pele, como a indicar que os corpos racializados, sustentados por uma elaborada prática ancestral, recriam-se como uma flor que rompe o asfalto. A artista ressalta que os rituais têm o poder de transformar tanto almas quanto corpos, enquanto sua criação desafia os limites entre gênero e raça. Ela propõe a cura como um caminho que se baseia em saberes ancestrais, os quais estão fora do contexto da medicina capitalista. Seu trabalho sugere que a cura é uma forma de resistência ativa contra as imposições coloniais relacionadas ao tempo, ao corpo e à alma. Na série Kalunga (2023), Castiel investiga a transfobia como um processo histórico. Os seus escritos e seu trabalho oferecem instrumentos e ideias teóricas que desafiam os discursos dominantes, promovendo uma multiplicidade de origens e a interconexão, sem que uma tradição exclua a outra (Nunes, 2023).

A experiência do "Quarto de Cura" de Castiel Vitorino Brasileiro transforma o espaço privado em um campo político, onde o corpo negro e trans amplia suas opções de existência. A artista move o campo da simples representação estética para o lugar da cura: uma operação que articula escuta psicanalítica, axé ancestral e crítica decolonial, transformando prazer e gozo em instrumentos de reexistência. O orgasmo, historicamente encarado através de um olhar opressivo e colonizador, transforma-se em um ritual de libertação e celebração dos corpos que se recriam para garantir sua sobrevivência. Conforme foi apresentado na vinheta inicial, Castiel deixa claro que a cura, em seu trabalho, não é uma metáfora, e sim uma prática. A psicanálise, a espiritualidade de origem afro-indígena e a teoria decolonial se encontram na reconfiguração dos significados do prazer e do gozo, historicamente "ensinada[s] como dispositivo escravizador de almas" (Brasileiro, 2023, s/p). Ao escolher o orgasmo como um caminho para a aceitação e "honra às que reposicionaram seus órgãos" (Brasileiro, 2023, s/p), a artista provoca as normas de gênero e desafia a definição de quem pode ser considerado humano.



Esse modo de agir exemplifica os eixos que organizam esta seção: o território, entendido como um espaço que se torna palco de disputa ontológica; a interdisciplinaridade, em que arte visual, psicanálise e saberes afro-ameríndios se articulam na construção de rituais; e a cura/transmutação, que emerge em práticas de "cura decolonial" capazes de ativar memória, prazer e futuro, instaurando uma estética da reexistência.

O LABEPOD, nesse sentido, aparece como um núcleo propulsor da formação docente em Artes Visuais, mediada por uma abordagem decolonial e pela experimentação com práticas artísticas não conformistas, tendo em vista a reconfiguração da Arte/Educação, como sugere a tese deste artigo. O "Quarto de Cura", de Castiel Vitorino Brasileiro, constitui uma vigorosa materialização dos pilares (território, interdisciplinaridade e cura/transmutação) que o LABEPOD busca implementar como práxis-libertadora na formação inicial.

A formação docente em arte, historicamente sustentada por uma base euro-norte-americana-referenciada (Moura, 2022), encontra um desafio na proposta do LABEPOD, que vê nas poéticas dissidentes não apenas expressões artísticas, mas sim como estratégias estético-pedagógicas para o envolvimento com as "práxis de re-existência" (Achinte, 2017). Essas práticas constituem um meio de incentivar a autodeclaração e reconstituição da identidade, sendo essenciais para combater o silenciamento dos conhecimentos afro-indígenas, ribeirinhos, quilombolas e LGBTQIAPN+ que ainda dominam os currículos (Moura, 2022).

A interdisciplinaridade, bússola do LABEPOD, é a chave para essa transformação na formação docente. A integração de Artes Visuais, Antropologia, Arqueologia e Psicanálise oferece aos futuros/as professores/as de artes visuais um instrumental complexo para engajar-se em uma pedagogia decolonial:

Pistas experimentais para uma práxis de encanterias com a Arte/Vida:

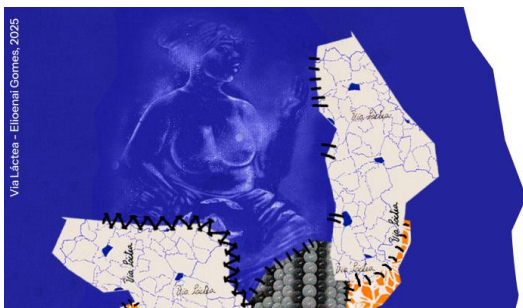
1. Artes Visuais: corpos e decolonialidade cromática: ao incentivar o uso de pigmentos locais e a "decolonialidade cromática", o LABEPOD capacita o professor a ensinar a arte não como mera técnica importada, mas como expressão intrínseca de um território e de sua ancestralidade. Isso permite que o/a docente valorize as linguagens visuais que brotam das realidades regionais, contrapondo-se à



uniformização estética imposta por reformas curriculares e restituindo a arte a seu contexto sociopolítico (Vasconcellos, Storck & Momoli, 2018; Gómez, 2019). O trabalho de Blumavi (Catálogo - Exposição Entre Marés e Levantes, Deslocamentos), ao desfazer a lógica de demarcações disciplinares com corpos tidos como abjetos pelo *cistema*⁴, exemplifica a força de um ensino que subverte o olhar normativo, transformando o estigma em potência. Crémerson Rosa, por meio de seus desenhos e pinturas das paisagens de Macapá, que surgem dos pigmentos naturais da região, e Caim Abel, ao investigar as experiências ancestrais de pessoas das Amazônias, ambos constroem trilhas para se acessar a sabedoria do lugar e às maneiras de reexistência que emergem do território.

2. Antropologia e escuta etnográfica: inicia-se por meio da ênfase na "escuta etnográfica" e nas "cosmopercepções regionais" no currículo de formação docente. Esse método sugere um diálogo com as comunidades, valorizando os conhecimentos locais e comunitários como fontes legítimas de saber e de inspiração/referencialidade artística. Isso ultrapassa a mera inclusão, pois possibilita uma co-construção estésico-pedagógica que desestabiliza a hierarquia epistêmica eurocêntrica e legitima epistemologias outras (Moura, 2022; Achinte, 2017).. As memórias coloridas de Imbiriba, do interior das suas habitações em Porto Grande/AP, constituem-se como manifestações da reexistência, registrando estilos de vida e conhecimentos incorporados que se opõem às imposições coloniais. Nesta mesma linha, as imagens de Erlom da Silva Santos, que capturam a produção-ritual da farinha de mandioca em Anajás/PA, revelam conhecimentos ancestrais que se opõem à mercantilização da vida. Estas imagens contam uma reexistência diária, em que o fazer-saber da

⁴ A grafia "cistema", proposta por Viviane Vergueiro Simakawa, é um trocadilho crítico que mescla "cis" (prefixo que designa pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento) e "sistema". O termo evidencia como as estruturas sociais – jurídicas, médicas, educacionais e culturais – são organizadas para privilegiar sujeitos cisgênero, invisibilizando ou subjugando vivências trans e não binárias. Assim, "cistema" nomeia o regime cisonormativo que regula corpos e identidades, denunciando a naturalização das hierarquias de gênero.



farinha/vida se torna uma prática encantatória e preserva a potência de um saber corporificado que vai além da produção e resiste ao apagamento simbólico.

3. Arqueologia e ressignificação: a incorporação da Arqueologia na formação do professorado permite ressignificar vestígios materiais como cerâmicas e geoglifos (Projeto entre Marés e Levantes, Introdução/Justificativa). Isso nutre a formação inicial docente a criar "vínculos visuais e conceituais entre o passado e o presente", contestando "versões coloniais de descontinuidade" (Projeto entre Marés e Levantes, Introdução/Justificativa) e fomentando uma visão histórica mais complexa e menos eurocêntrica. A docência é potencializada a trazer para a sala de aula narrativas que desafiam o apagamento simbólico e conectam o passado ancestral à produção artística contemporânea, conforme ressaltado por Mignolo (2010) em sua análise da importância dos cronistas indígenas na rearticulação do conhecimento. As colagens produzidas na disciplina de Cultura, Identidade e Representação – PPCULT/UNIFAP encaminham os estudantes a uma práxis criativa de rearticulação do conhecimento ancestral, transformando vestígios em narrativas visuais que tecem pontes entre o passado e o presente, desafiando ativamente o apagamento simbólico colonial.

4. A Psicanálise e a "cura" de traumas coloniais: a Psicanálise, ao lidar com a "cura" de traumas coloniais por meio do processo criativo, converte a Arte/Educação em um ato clínico-político-estético na criação. Isto é, os/as docentes em formação são convidados/as a enfrentar as heranças da colonialidade que incidem sobre eles/as e sobre os/as estudantes que virão a ter. A prática artística transforma-se em um espaço de inquietação, elaboração e "cura decolonial" (Mignolo, 2010), em que a arte participa da constituição de subjetividades resilientes e do bem-estar coletivo, à luz da referência de Castiel Vitorino Brasileiro. A exposição Entre Marés e Levantes atua como um ato clínico-político-estético e de cura decolonial, ao revelar, por meio das práticas artísticas e da formação docente, como se elaboram os traumas coloniais e se rearticulam os saberes que favorecem subjetividades resilientes.

As estéticas de reexistência (Achinte, 2017), em sua análise concentrada em território, interdisciplinaridade e "cura", ressaltam o potencial transformador da Arte/Educação decolonial. A força da obra de Castiel Vitorino Brasileiro, capaz de transfigurar traumas coloniais em rituais de reexistência, como apresentado em seu



"Quarto de Cura" e na série Corpoflor, motiva o LABEPOD a pensar a arte não como mera representação, mas como uma práxis ativa de "cura" e rearticulação ontológica. Ao conectar saberes ancestrais e a psicanálise, essa abordagem desafia as hierarquias estéticas e pedagógicas impostas pelo eurocentrismo. Nela, apresenta-se uma formação de professores/as que privilegia o corpo, a memória e o discurso poético como dispositivos de resistência ao apagamento simbólico.

O LABEPOD traz, a partir das experiências dos estudantes-artistas-professores Blumavi, Crémerson Rosa, Caim Abel, Erlom da Silva Santos e Imbiriba, um projeto de formação inicial que integra decolonialidade cromática, escuta etnográfica e ressignificação arqueológica. A proposta é uma arte/educação que respeita e valoriza a diversidade de origens e cosmopercepções. Essa pedagogia da libertação (Freire, 2011) favorece a autodeclaração e a reconstrução identitária, contextualizadas nos ambientes amazônicos e nas batalhas dos grupos sociais. Dessa maneira, os conhecimentos que foram silenciados se manifestam como saberes válidos e potentes, e a formação de professores/as se estabelece como um desaprender constante (Wosniak, 2023) e um reexistir.

4 MERGULHANDO NOS RIOS... ATÉ SUAS PROFUNDEZAS

Este artigo investigou como poéticas dissidentes (de reexistências), tecidas por uma abordagem transdisciplinar encantatória, podem reconfigurar a formação inicial docente em Artes Visuais na Amazônia, especialmente na construção de seus saberes e em seu modo de ser e fazer profissional. A experiência do Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes (LABEPOD) e da exposição "Entre Marés e Levantes" desvelou caminhos para essa análise.

As poéticas dissidentes, ativadas pelo LABEPOD através do estudo das encanterias, causam uma intensa ressignificação na formação inicial de docentes. Essa mudança aparece como uma provocação ao currículo eurocêntrico e à construção de uma identidade pedagógica decolonial. A "decolonialidade cromática" (Wosniak, 2023), a escuta etnográfica e a ressignificação arqueológica introduzem conhecimentos e materialidades locais, ancestrais e não hegemônicos,



desestabilizando a homogeneização estética e cultural, dentro do que se espera de um currículo. Além disso, a "cura decolonial" (Mignolo, 2010; Brasileiro, 2023), resultante da psicanálise e dos rituais artísticos, proporciona aos futuros/as professores/as recursos metodológicos para desafiar as marcas da colonialidade, incentivando uma prática libertadora, comprometida e atenta às diversas formas de existência.

A proposta do LABEPOD, assim como os rios da Amazônia que, do leito à profundidade, "revelam" seus segredos, convida a uma imersão transformadora em seu percurso de pesquisa e formação. Como indica o título desta seção, o trabalho com poéticas dissidentes consiste em um "mergulho nos rios... até suas profundezas", investigando as origens dos conhecimentos locais, as correntes ocultas das experiências que foram silenciadas e as fontes de reexistência que emergem do próprio solo. Esse percurso de pesquisa cuidadosa desvenda as origens da Arte/Educação decolonial, que se envolve em contínuas transformações para uma pedagogia entrelaçada nas águas vivas do território.

REFERÊNCIAS

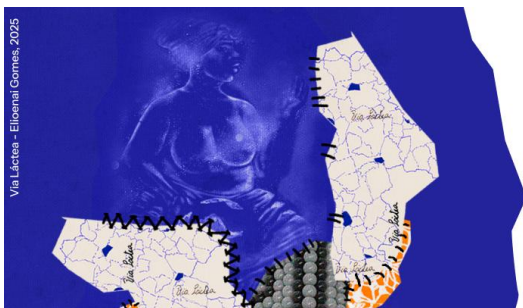
ALBÁN ACHINTE, ADOLFO. *Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.

Brasileiro, Castiel Vitorino. In: NUNES, Mateus. *Relembre-se de quando conversamos sobre o nosso reencontro*. Revista Select, São Paulo, 19 set. 2023. Disponível em: select.art.br. Acesso em: 20 set. 2025.

FRADE, Isabela Nascimento; ALVARENGA, Ana Maria; ARANHA, Camila. *Epistemologias da formação: o pensamento emergente na docência em artes visuais no eixo Norte-Sul*. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 509-524, set./dez. 2017. Disponível em: seer.ufrgs.br. Acesso em: 04 set. 2025.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

GÓMEZ, Pedro Pablo. *PESQUISA-CRIAÇÃO E CONHECIMENTO A PARTIR DE ESTUDOS ARTÍSTICOS. NA PISTA DA DECOLONIALIDADE ESTÉTICA*. Revista Encanterias [S. l.], v. 1, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/revistaencanterias/article/view/722>. Acesso em: 20 ago. 2025.



GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Brasília: Revista Estado e Sociedade, volume 31, número 1, páginas 25-49, 2016.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MIGNOLO, Walter. Aiesthesis decolonial. Calle 14: Revista de investigación en el campo del arte, v. 4, n. 4, p. 10-25, 2010.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Uma cartografia da decolonialidade nas artes visuais da América Latina para pensar uma arte/educação decolonial. Arteriais: revista do PPGARTES/ICA/UFPB, Belém, v. 8, n. 14, p. 64-75, jun. 2022. Acesso em: 04 set. 2025.

NUNES, Mateus. Relembre-se de quando conversamos sobre o nosso reencontro. Revista Select, São Paulo, 19 set. 2023. Disponível em: select.art.br. Acesso em: 20 set. 2025.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Salvador: EDUFBA, 2023.

VASCONCELLOS, Sonia Tramujas; STORCK, Karine; MOMOLI, Daniel Bruno. Para onde caminha o ensino das Artes Visuais? Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 245-258, maio/ago. 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.83832. Acesso em: 04 set. 2025.

WOSNIAK, Fábio; ROSA, Crémerson (Org.). Catálogo da exposição: entre marés e levantes [recurso eletrônico]. 1. ed. Macapá, AP: UNIFAP, 2025.

WOSNIAK, Fabio. Desaprender, perguntar-se, escutar: rotas para pensar uma arte educação dissidente. Palíndromo, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 53–73, 2023. DOI: 10.5965/2175234615352023053. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/22809>. Acesso em: 10 set. 2024.